

Pão Nosso . . .

Porto, 31 de Agosto de 1910.

N.º 20

SUMARIO:

- I.—ERA UMA VEZ . . .
- II.—SUL FRENTE A NORTE.
- III.—A MONARQUIA E A ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE.
- IV.—UNS JULGADOS PELOS OUTROS.

Era uma vez . . .

**A eterna cantiga :—Amor! alma do Uni-
verso!**

Era uma vez um reino miudinho, lá ao distante escondido, nas terras de sol e misterio. . . Trinta palmos de chão, balseiros de verdura, amendoaes em flôr, e soluços de rouxinoes nas noites em que o luar nevava sobre os campos. . .

Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas.

E era uma vez um rei-creança que aquelle cantinho do mundo governava. Crescera o principe tolhiço, amarelito como a cêra dos altares, a côr macerada das virgens anemicas. Espigara delgado, e ao vingar a puberdade lhe não repontou um buço forte, nem a vermelhidão sadia lhe coloriu as maçans do rosto.

Ora as donas e donzelas dos seus dominios, nas madruga-

das sonolentas, em sonhos abrazados mordiam a tenra carnadura real. E tambem os marujos velhos, no quarto d'alva sonhavam... Uma convulsão d'erotismo sacudia o reino.

Nas jornadas atravez do principado, em redór do livido monarcasinho, afreimava-se uma cõrte d'amor... rosarios de beijos... nuvens de suspiros... ancias de seios em lume...

Tranças da negridão dos olhos de Satanaz, ou cabelos como jorro d'ovos em fio lhe afofavam travesseiros d'amor. Olhos dum azul sereno, ou dum verde perverso: escuros como desejos insatisfeitos, limpidos e castos como o oiro das manhans de primavera: os cinzentos que são pegamaço de meiguice, ou os de cambiantes incertos que mudam com as horas do dia — todos se entreveciam de extasis sob o docel veludineo das palpebras.

Machos assustados ordenaram se guarnecessem de couraças d' aço, espessas como as chapas dos *Dreadnoughts*, os espartilhos das jovens. Porém as taças de morangos rompiam a blindagem, e num arfar á solta, ao reisinho ofereciam os capulhos de rosa para um sorvete divinal.

— Ai! quem voltara aos tempos em que os reis esposavam pastorinhas galantes! — choramingavam as tristes.

Ao que as matronas de sabedoria curtida nos tresvarios da mocidade, calmavam:

— Não, menina. As gentis e rusticas zagalas que hoje se maridam aos duques de sangue real — são as milionarias americanas. Deixa a tentação, filha.

— O' meu pecado! ó encanto meu! ó minha perdição!

E pingavam lagrimas e baba, nos retratos do realengo donzel, resando as estrofes do Cantico dos Canticos, esse cancro de espirital lascivia da lira oriental.

* * *

Bô'hora bateu em que o principe, crescido entre fraldas de clerigos e mulheres, se fez homem. Nas partes de França ofereceu ás divindades pagãs um suspeito ramilhete de laranjeira.

Ora uma vez no seu reino, — aconteceu o caso no pico da canicula, — foi repousar das intrigas do palacio, para as en-

tranhas dum bosque maravilhoso, açafate de sombra e vivas aguas cantantes. Cedros mais velhos que as mentiras dos seus ministros, ranchos de passarinhos que trazem na garganta as nascentes das fontes claras, crepusculos de ametista liquida, de graça e de frescura...

Quando o crisantemo da lua peneira chuviscos de prata fundida pelas frestas da travação da ramaria, e um bafejo de tepido vento meneia as cabeças das arvores, parece que do silencio da mata se levanta o gemer das dez mil guitarras que a moirisma encontrou nos arraiaes do principe-desejado, aquelle que se perdeu de morte nas areias de Alcacer-Quebir!

Pois nesta estancia de solidão e poesia, em que até as almas dos banqueiros sofrem da nostalgia do Infinito, e se lembram do Altissimo — cavalheiro que mora a distancias incalculaveis — o rei amou.

Poisara a Majestade, por falta de paços seus, em hospedaria franca. Mais duma vez ao dia, a vista se lhe entornou languida sobre humilde serva da casa, a qual, como as mais fidalgas, tambem desejava provar fruta do trono. Era ella encadernada em polpa de lilaz branco, e dos camarotes dos seus olhos espreitava a ternura...

Apressaram-se as nupcias...

E tão intensos arroubos de paixão, tão vívida braseira de amor, tal delirio de bem-querer soprou em violenta rajada entre o rei e a formosa servilheta, que o idilio sem innocencias nem biocos, livelando as desigualdades sociaes que medeiam entre fazer camas como assalariada, e desfazê-las como semi-princeza noturna, escandalisou a cõrte, horrorisou as nobres damas, e as mergulhou no inferno dos ciumes.

Bôcas onde só deviam florir jasmineiros, esvurmavam pús. Mãos de caricia e setim, afuselavam-se em garras d'ameaça, prometendo rasgar as carnes ungidadas d'aquella que o soberano vestira de beijos. Pragas, maldições, anatemas:

— «Um esfregão! Um estropalho! Uma creada que todos podem ter! Umas mãos gretadas, vermelhaças, asperas, e cheirando á alfazema dos despejos! E nós, nós que em toda a parte

Lhe atirámos punhados de flôres, que Lhe roubámos os sabonetes do lavatorio e os lençoes da cama para os relicarios, nós que somos quasi ninhada de frangas, seu bel-prazer aguardando, trocadas por...»

E aqui, uma dona de estirpe sublimada cacarejou qualificativos injuriosos do genero dos cabedaes...

Gloriosa, triunfante, coriscando orgulho, a creadinha assomava no topo duma alameda. Gulosos cortesãos de longe a farriscavam. Na roda das fidalgas, os perolisados dentinhos enfechelaram-se em raivoso ranger. Houve uma pausa de sufocação. E uma dellas, mais batida pelos zelos, e enfuriada pela troca, espirrou para as outras :

— Sempre me dá um nervoso ! Só desafogava se podesse gritar — Viva a Republica !

* * *

E eis a historieta alegre que mais tem divertido os povos daquelle reino miudinho, lá bem longe escondido, nas terras de sol e de misterio. Não tarda que os arrabileiros feirantes a cantem, em verso de pé quebrado, com o mote moralista :— Uns comem os figos, a outros lhes rebentam os beijos !

Sul frente a Norte

A democracia lisboeta e a democracia tripeira. — A raça e a atmosfera social. — Relações numericas entre os dois nucleos citadinos e os concelhos ruraes. — O minhoto. — Os «empatas» da republica.

Dias longos não tardam que os realejos politicos e os filosofantes de tanga, remoendo a aria, rota de cançada, outra vez ainda urdam paralelos e contraposições entre Porto e Lisboa. Tema : — A poderosa, febril e rapida expansão do republica-

nismo irradiando de Lisboa sobre o sul do paiz, e o vagaroso passinho da democracia portuense, quasi que confinada na cidade e Gaia, sem romper para além das barreiras e assentar nucleos ruraes.

Riem os dinasticos e asseguram que o norte minhoto continuará baluarte catolico e monarquico; raivam os correligionarios nossos, não demorando o juramento de que os republicanos do Porto são moles e amorfos como o barro das olarias.

Desempoeiremos a questão, isentos de preconceitos regionaes, e sem covardices atando a lingua.

* * *

Ha diferenças profundas entre o homem do norte e o homem do sul; regimen economico diverso; tradições deseguaes; carater oposto. Ponham um minhoto, um transmontano ou um beirão, par a par do extremenho, alentejano ou algarvio. Pres-tes nos ultimos resairá a mobilidade, a alegria, a chalra expansiva, emquanto os primeiros, tristonhos, silenciosos, acurvados, semelharão frades cartuchos ao pé de estroinas em mare de folia.

Divergencias antropologicas? etnologicas? historicas?

Que o digam sabios, pois, por mim, apenas no momento registado factos.

A pulverisação da propriedade rural em coirelas minusculas numas provincias, a ingratição da leiva e o escasso rendimento das culturas noutras regiões, a usura, a densidade da população, o peorar da situação economica, conduzem as gentes do norte a emigrar. O sul não emigra. Trigo á farta, vinho a granel, população espaçada sobre os grandes latifundios, cortiça, manadas de toiros, varas de suinos, e o poder politico ao seu dispor...

Entre Lisboa e Porto mais duras separações se traçam. Lisboa é uma cidade de tendencias cosmopolitas, cabeça hipertrofiada dum corpo exiguo. O Porto um cantão regionalista, carapuceiro, seculos ha de movimentado trafico mercantil, e actual-

mente, desde as pautas protecionistas, burgo industrializado, imitação facanha duma Barcelona sem estetica, e como povoação industrial assumindo, aos poucos, os caracteres da batalha entre os que possuem e os que nada teem.

Assim como Barcelona e Bilbao na Espanha encerram as democracias mais radicaes da Peninsula e as forças mais reacionarias, assim no Porto esse movimento se vae esboçando, e dentro em meio seculo aqui rebentará tão agudo conflito politico social como aquelles que em nossos dias irrompem em aglomerados similares.

Em Lisbôa, as camadas literarias, artisticas, politicas e cultas, exercendo pressão moral sobre as demais classes, ao talento e valor individuaes prestam homenagem. Pode subir-se, porque se trazem no cerebro ideias, ou engenhosas habilidades.

No Porto a crassa atmosfera dinheirosa só atende ao peso monetario. A pergunta com que aqui se tiram informações, assim se formúla: — «Quanto vale aquelle?» — «Tantos contos...»

Ouçõ frequentemente nos discursos republicanos de Lisbôa, falar de plutocracias. Lá é uma figura de retorica, aqui a verdade pura. Lá inventam o papão, por cá batemo-nos com a realidade.

Passem em revista os *representativos* do Porto. Encontrão titulares ricoiços, comerciantes de grossos cabedaes, banqueiros de quantiosas burras, donos de enormes fabricas, e grandes proprietarios ruraes. Basta um quadrupedante casar rico para preparar a membro do Conselho d'Estado.

Ora o partido republicano do Porto, como o partido republicano radical de Barcelona, é um partido em que formam o grosso das fileiras, homens do povo, trabalhadores, desbalisados de bens. Os sobrecasacas chamam-lhes — *canalha*. Rareiam, entre nós, as fortunas avultadas. Exatamente ao contrario do partido republicano de Lisbôa, em que junto aos operarios se contam milhares de cidadãos vivendo na mediania, e largas centenas que a abastança conhecem.

Não é verdade que vão calculando a diversidade de condições?

* * *

Em Lisboa o eleitorado citadino, em relação aos dos concelhos limitrofes, está na proporção aproximada de $\frac{2}{3}$ para $\frac{1}{3}$. Assim no circulo oriental os eleitores dos dois bairros urbanos somaram 13:400 e os dos 6 concelhos ruraes, apenas 7:000. D'estes 6 concelhos ainda o partido republicano não conquistou por completo (apezar das importantes minorias nelles ganhas) os d'Arruda, Loures, Alenquer, Cadaval, e Azambuja.

Porém as votações da cidade bastam para se opôrem ás das monarchicas influencias campesinas.

No Porto, inverte-se a situação. A cidade em relação á totalidade do circulo está como $\frac{1}{4}$ para $\frac{3}{4}$. Por enorme que fôra a nossa conquista dentro da estrada da circumvalação, cairiamos em face das votações concelhias. A soma de todos os partidos que nos dois circulos, na cidade, se contaram na urna, é pouco mais que a metade dos de Lisboa. Vejam: Lisboa — os quatro bairros: — 24:000. — Porto, cidade — obra de 14:000.

Os caciques em torno da capital manobram, cada um, centenas de votantes. Nas cercanias do Porto, o cacicato pulverisa-se como a propriedade. Formigam ás dezenas por concelho, e cada qual comanda, em regra, magras levas de carneiros á urna. De maneira que, no Sul, extinguir um cacique equivale a libertar uma ou duas vilas. Cá p'r'ó norte temos de conquistar o terreno, polegada a polegada, batendo logares de cincoenta fôgos e dez eleitores, com mais duro labutar que nessas terras de benção.

Metam na balança, por contrapeso, que o espirito do minhoto é rebelde a inovações. Aferrado á sua geira e á sua boiça, as mais bem cultivadas do paiz desde longinquos tempos, pouco alça os olhares para além da orla do arvoredado em que a vinha agra se pendura. Canta, e rega o milho. Como um patricio romano se embriaga nas romarias. Festeja o brasileiro que ao norte do reino e até á data, constituiu na maioria um elemento conservantista e regressivo.

No Porto, antigo baluarte progressista, posteriormente inventor do rotativismo municipal antes do aparecimento do rota-

tivismo parlamentar, os recenseamentos tresandavam asquerosa e inenarravel torpêsa. Marcas ás bateladas. Cidadãos suspeitos de jacobinos sistematicamente cortados.

Annos d'esforços e contos sobre contos de reis, eustou ao partido republicano o saneamento da imunda lepra. Mas, coisa que em Lisbôa não succedeu, facto que nenhuma outra região aponta, duma vez o Supremo Tribunal nos roubou 1:900 eleitores, e pela segunda 2:000. Quem meditar a passagem já avalia que a luta no Porto diverge radicalmente nos processos da que em Lisbôa vae travada.

* * *

Examinemos agora, e ao de leve, a objecção mais cortante com que os nossos correligionarios da provincia e de Lisbôa nos ferem.

— «O partido republicano do Porto desleixa a propaganda fóra da cidade. Não organisa pacientemente palestras, conferencias e comicios, para os concelhos do resto do distrito.»

Nossa culpa... nossa culpa... bato punhos penitentes em peito de pecador contrito.

Para se formar uma propaganda persistente necessitam-se homens e dinheiro. Gastam-se energias e tempo. Ora as quantias recolhidas dispendem-se no recenseamento, nos centros e nas escolas.

O estado-maior do partido republicano portuense não conta excesso d'oradores, e menos ainda de apóstolos. Respeitaveis chefes, tão respeitaveis que apenas servem para os conservarmos em redoma, afastaram-se da vida ativa.

Outros, incapazes d'ação, e ciosos duma autoridade que ninguem lhes contestava, erigiram a instituição do *empata*, nada fazendo por impotencia, nada deixando fazer aos outros por lhes não irem ao beija-mão. Aparentam gestos revolucionarios, e são conservadores por indole. Ninguem mais ousado num comicio, ninguem que mais recue no proceder. Afirmam-se democratas e só d'autoritarios dão provas. Até pensam que os republicanos unicamente existem para elles mandarem.

Assim a direcção superior do partido local tem corrido aos baldões. Quando se exigia mostarda, davam-nos linhaça.

Os extranhos julgavam que a democracia portuense estava em crise, o que era falso, pois que só os chefes se topavam no periodo da meno-pausa. Imprensa partidaria incolor, sem nervos, sem ardimento, sem sangue, deixando os adversarios crescer em audacia, permitindo que nos enlameassem, não opondo ao ataque nem mesmo um anteparo de meia duzia de ripas.

Dia para dia, nos mais ilustrados correligionarios aumentava o desanimo, alheavam-se as boas vontades, esmorecia a intrepidez dos combatentes, por mingua de laço que os estreitasse, de calor que lhes retemperasse as almas. Emquanto uma actividade, como a da loucura do sacrificio abalava a democracia de Lisbôa, a do Porto dormitava. Os idolos que nós creámos, olhando a sua quietude, aos outros attribuiam a descrença e cansaço que só nelles moravam. Não podiam descer da altitude onde se empantufavam do propria imobilidade, pelas mesmas razões que Luiz XIV não transpoz a torrente que o separava do campo de guerra dos seus exercitos, porque *sa grandeur l'attachait au rivage*.

Mas o povo do Porto, esses bandos d'obscuros e anonicos que teem sempre dedicações a ofertar ao seu ideal, guiados por outros trabalhadores indefessos e heroicos na sua constancia, salvou no acto eleitoral de domingo o prestigio da bandeira republicana.

Arquivemos o lance para honra dos que o praticaram e lição aos generaes reformados.

A Monarquia

e a Associação Industrial Portuense

Hodiernos barões feudaes.— O velo d'oiro das pautas.— A vinda do rei e o engodo dum tratado.— Isca e anzol.

Existe ali na rua d'Entreparedes um edificio d'aspecto pouco majestoso, onde em noites d'angustia se reuñem os homens que no Porto representam a parcela mais grada da riquêsa do norte do país. São os senhores industriaes. Somam milhares de contos, delles dependem muitos milhares de familias proletarias, elles dispoem de milhares de cavalos de vapor, de edificios colossaes, e do pão de multidões que só teem a força de seus braços p'ra vender.

Um gesto delles perturbaria a vida social. Padeciam o commercio e os bancos; a fome assentava-se nos lares; bôcas de mulheres e creanças saíriam ao relento na busca duma codea de brôa resequida ou duma gôta de leite desnatado.

Pois estes cavalheiros bem pensantes, bem conservadores, bem solidas estacas do existente, e que movimentam as forças mais poderosas da sociedade moderna — capital e trabalho — servem de ludibrio a todos os governos que com elles jogam, como um gatinho noviço com as franjas dum cortinado.

Porque? Porque ricos, pessoalmente independentes e fortes, não teem independencia coletiva. Não fazem politica rasgada, nem alta, nem nobre, mas subordinam-se a todos os politicos. Não se preocupam com a situação nacional, ocupam-se dos interesses proprios.

* * *

Reuñem-se? Falam das pautas.

Surge um pretendente a Messias? Pedem-lhe pautas.

Elle promete... seguem-no com psalterios nas mãos e lóas ás rebatinhas.

Elle falta. Logo, lacrimantes, exclamam: — « Enganou-nos! »

Eis, porém, que um ministro novo quer banquete, festarolla, ou votos. Sussurra-lhes: — « Trago aqui as pautas nos fundilhos. »

Pois viva o Salvador! Este, sim! E' o unico! Home'honrado!

E o home'honrado larga o poder, e as pautas estoiram nas alturas como as bombas dos foguetes que elles atiram ao tra-zeiro de todos os ministerios.

Conheço-os assim ha dez annos. São as mesmas figuras, a mesma scena, o mesma enredo, o mesmo desenlace! E dizem que a experiencia é mestra. Coitada! Pobre rapariga que só recebe pontapés nas carnaes redondezas!

O derradeiro presente que a Monarquia deu áquelles seus incondicionaes servidores, que venderiam a alma ao diabo pela reforma pautal, merece anotação.

* * *

Era em começo da monarquia novissima. Vinha o rei á conquista do seu reino. Wenceslau, mestre de manhas, que nunca faltou sem antes prometer, anceava que o Porto se desunhasse em rija festanga.

Meteu-se com os homens. « Trago ali um tratado de commercio com a Alemanha, obra de tres assobios com repique na ponta. Anexas ao tratado, umas tabelas modificadoras da pauta, segundo o que vocês desejam. Deu-me esse mimo o Tattenbach, mas se não receberem Sua Magestade como uma aurora boreal, digo ao conde germanico que remeta a dadiva aos quincalheiros de Nuremberg. »

Foi o delirio! Recordam-se?

As ruas vestidas de pano crú, bichas d'industriaes que no Paço até caiam na terrina da sôpa, o rei conduzido como o sagrado viatico de fabrica em fabrica, os cofres das mesmas em disenteria de dinheiros para balões multicores, galhardetes, fanfarras, e aquella famosa circular da Associação Industrial

Portuense, perguntando a cada socio quantos operarios com estandartes podia remeter como quem remete cabeças de gado ou fardos de flanelas!

* * *

Dá-se o estrondoso e enorme comicio republicano do Campo 24 d'Agosto, no dia dos annos do Rei. Havia recepção nos Carrancas. Um dos graduados da industria, esclarecia os dignitarios da còrte: — «Não estavam lá mil pessoas. Palavra d'honra! Nem oitocentas!»

Seguem-se as eleições paroquiaes a que o partido republicano imprimiu significação politica. Pressões, compra, soborno, traficancias, tudo contra nós se poz em dobadoira. Se o Tattenbach já trouxera a pitança! Já estava assinado! O Wenceslau era maior que o Deus dos exercitos! Um amigo meu pergunta a um dos magnates algodoeiros:

— Então, desta abicharam?

— Já cá cantam! — volveu de ropia o interpelado.

Ora no mesmo dia da recepção, um jornalista republicano, que pelo seu serviço d'informação se achava no Paço dos Carrancas, surpreendeu entre dois altos funcionarios palatinos, que em cortez desdem olhavam a ronda dos industriaes, estes significativos dizeres:

— «*Agora tudo vae bem! O peor é quando elles souberem...*»

E mais não ouviu.

Nos dois dias seguintes o jornalista ao *Mundo* telegrafava as suas apreensões, e no *Mundo* foi dado o aviso, inserindo-se, as tempo, que as concessões commerciaes alemãs nos custariam uma concessão colonial. Não era fundada esta ultima parte, mas a ameaça que os palatinos e Wenceslau totalmente conheciam e cautelosamente occultavam, realisou-se pouco ha.

Discutido o tratado e com a aprovação do *Reichstag*, vae em duas semanas que a Associação Industrial Portuense recebeu aviso que as famigeradas tabelas anexas, inserindo modificações aduaneiras, não seriam postas em vigor senão quando as pautas

se reformassem! Por conseguinte, os senhores industriaes que esperem a proxima vinda dum filho do snr. D. Manuel, para o vivorio d'arrebenta-boi, as musicatas, o festim, e a promessa doutro berimbau alemão.

Assim paga a Monarquia aos seus devotos!

*

* *

Na assembleia da Associação, um banaboia clamou: «Na sua opinião todos os governos tem sido contrarios aos interesses da industria.»

E aquelle banazola a todos os governos serviu!

Ao que o sr. Antonio Francisco Nogueira, oraculo da casa, opoz — «O sr. conselheiro Wenceslau de Lima dera sobejas provas de dedicação pelos interesses industriaes». Maneira esta de defender a fama de perspicaz, para se não propalar que se deixara iludir pelas artimanhas diplomaticas. Ora não se atrigue o sr. Nogueira. Ninguem duvida da sua finura: Bebe azeite. Mas Wenceslau come industriaes vivos e deixa-lhes o anzol . . para o limparem.

Riram-se do aviso do *Mundo*, taxando-o de maldades setarias. Agora rimos nós dos senhores.

Ah! E não se esqueçam. Estão á porta as eleições camara-rias. Não se esqueçam de trabalhar pelo governo que então estiver no podêr. Chega ahí um ministro de Lisboa e murmura-lhes em manhan de nevoeiro: — «Está á barra o D. Sebastião, com as pautas na maleta.» Pois viva D. Sebastião! — desandam todos em furia. Conheço-os assim há dez annos. E zangam-se quando tal lhes lembram.

Uns julgados pelos outros

Resposta a um monarchico.

Era singela a carta com que V. Ex.^a me honrou. E nos seus comentarios tão justa que os meus dispensa. Basta transcrevê-la, pois valem mais quatro linhas sobrias, que maravilhas á groza. Foi assim que V. Ex.^a, ferido na sua honestidade de carater e na retidão duma consciencia limpa, escreveu :

«Diz o sr. José d'Alpoim no seu jornal o *Dia*, de 25 do corrente, o seguinte que o *Primeiro de Janeiro* transcreveu em 26 :

«... o voto é uma propriedade como qualquer outra e ainda mais preciosa do que um valor material, e *tanto é ladrão quem rouba um voto como quem assalta um cofre.*»

A esta afirmação d'ordem geral, e turgida d'indignações, V. Ex.^a ajunta:

«Portanto quem roubou 2:000 votos é duas mil vezes ladrão, ladrão, ladrão, por mais honrado que pretenda ser. Demais, impedir a luta legal do voto é indicar o caminho da revolução. Os que servem o regime delle dão cabo. São amigos... dos diabos.»

Claro. O sr. Alpoim no *Dia* estabeleceu as premissas; V. Ex.^a tirou a conclusão. O sr. Alpoim assentou os considerandos da sentença; V. Ex.^a foi buscar os reos. Basta. Está ouvida a causa. Passemos.

Porém o melhor da passagem — como trovavam os menestres românticos dos solaos de 60 — é que ninguem para si requer as responsabilidades da eliminação dos 2:000 eleitores tripeiros. Ninguem mandou, ninguem pediu, ninguem ordenou! Não assoma santo de vulto ou de roca que do milagre se vanglorie. Restam como pontos extremos, no alto e baixo da escala, o tihoso e anónimo galopim que aqui no Porto cerziu os requerimentos, e o conselheiro desembargador que relatou o acordam. Dois paus mandados; o primeiro, servo submisso dos graúdos desta terra;

o segundo, baixissimo creado do Paço. Pois que seja desgraça dos Braganças, sempre rematarem as ignominias!

* * *

Mas ao juizo que V. Ex.^a forma dos monarchicos, vou ajuntar uns trechos em que outros defensores do existente apreciam as qualidades dos seus correligionarios.

Sabado passado, um manifesto dinastico, sob o cabeçalho *Eleitores do Porto*, e que num dos seus periodos até os republicanos convidava a votar na lista do governo «porque votar nella é votar pela liberdade e a liberdade é o utensilio indispensavel da vossa obra» por este teor aquilatava os meritos dos seus adversarios na urna:

Para os progressistas

Votar no bloco é votar nos progressistas e votar nos progressistas é sancionar a mais descarada chatinagem politica dos ultimos annos, a aliança interesseira e de ocasião com todos os outros partidos contanto que garantam o mando, a deshonesto administração do Credito Predial que arruinou milhares de familias, a preponderancia ininteligente, caprichosa, criminosa e egoista duma velha historica e de um velho paralitico.

Votar nos progressistas é contribuir para que acabe nas glorias do triunfo quem deveria acabar no isolamento da penitenciaria, e para que se desvaneça a inferioridade da manha com as vaidades que só cabem ao talento. Votar nos progressistas é aprovar a ignominia de cinco milhões d'almas serem dirigidas duma cadeira de rôdas, e dar coesão ao bando de prediaes, ao rebanho de coisas, á cafila de imbecis que dum velho caquetico recebem o santo e a senha.

Perfil do henriquismo

Não voteis no bloco porque, votar no bloco é votar no henriquismo e o henriquismo é uma florescência monstruosa da imbecilidade audaz. Capitaneado por um mediocre que nunca produziu um discurso nem escreveu um artigo nem engendrou uma lei, elle é a seleção acabada da insignificancia nacional; e, desde a cabeça pendente do chefe até á deformidade truanesca do seu representante no distrito, tudo nesse partido é anormal, teratologico. Almas pequenas em corpos asimetricos, talentos de regedor comprometidos em altas cavalarias, chanceleres de junta de parouquia convertidos á força em estadistas, videirinhos castores alarpados em dôcas, prolificos como coelhos e repartindo pela familia to-

das as sinecuras — é ainda com uma lista de familia que elles vêem solicitar os vossos sufrágios.

Apologia do franquismo

Votar nos franquistas, é votar nos sobreviventes quadrilheiros da mais temerosa quadrilha que jámais infestou o paiz, nos foragidos aventureiros duma aventura que acabou em sangue, nos incompetentes e audaciosos e derradeiros campeões duma tentativa sinistra que tudo renegou e a tudo mentiu. Seita maldita, o franquismo sem Franco, chama-se liberal e quiz matar a liberdade; diz-se monarchico e fez assassinar dois reis e intenta comprometer um outro; quiz consolidar as instituições, e abalou-as tão profundamente e tão intensamente que, só o descaramento de ainda existir, constitue para ellas o maior dos perigos.

Retrato do nacionalismo

Para vós que amais a liberdade, a inclusão de um nacionalista na lista que o bloco vos propõe, deve imprimir caracter. Fossem todos os outros anjos, que não são, seria sufficiente essa gota de peçonha para envenenar todo o liquido. O nacionalismo é o partido dos mais refalsados ateus porque reúnem a hipocrisia á descrença. Proclamam-se defensores de Deus, como se Deus precisasse d'outra cousa que não fosse o amor dos corações puros; dizem-se apóstolos da religião de paz e de caridade, como se os seus homens representativos não fossem conhecidos pela sordidez em que vivem e pela ferocidade, felizmente impotente, com que olham os adversarios; apregoam-se patriotas e livres, e deixam-se mover como cadáveres, pelo geral dos jesuitas que é alemão e reside em Roma, ou pelo nuncio Tonti, um italiano pantomineiro, que envergonha o corpo diplomatico e lesa a fazenda do paiz em que está acreditado passando contrabando.

Pudesse o nacionalismo governar, e veriamos resuscitados todos os privilegios e todas as opressões, as forças assassinando homens livres, as fogueiras rechinando as carnes dos duvidosos crentes, padres sinistros albigeirando cubizada fortuna ou desflorando virgens tenras. Tudo, em nome de Deus!

Que me diz V. Ex.^a á justiça desse manifesto monarchico? E que havemos, nós, republicanos, de pensar acêrca dos homens, que depois d'assim se enxurdarem, no proprio distrito do Porto se amancebaram em acórdos, para nos sonegarem as minorias?

